

Índios brasileiros terão sua própria faculdade

Universidade de Mato Grosso vai oferecer curso de licenciatura indígena para 35 etnias a partir de março de 2001



EDUCADORES E LIDERANÇAS indígenas discutem currículo do curso

Soraya Agége e Francisco Leali

• SÃO PAULO e BRASÍLIA. Quinhentos anos depois do Descobrimento, xavantes, carajás nambiquaras, tapirapés e índios de outras tribos já podem sonhar com um diploma de nível superior numa universidade só para eles. Organizada pela Secretaria de Educação do Mato Grosso, com o apoio do Ministério da Educação (MEC), a faculdade funcionará no campus da Universidade Estadual do Mato Grosso (Unemat). Serão abertas 200 vagas para 35 etnias que vivem no estado, vinte reservadas para tribos de outras regiões. A universidade vai oferecer curso de licenciatura indígena com três especialidades, a partir de março do ano que vem. O curso durará cinco anos.

Os índios poderão escolher entre três especialidades: ciên-

cias naturais, ciências sociais e língua, arte e literatura. Os diplomados assumirão o compromisso de repassar, como professores, o conhecimento às suas tribos e de ajudar na elaboração de cartilhas nas línguas nativas para o ensino de química, física, biologia, matemática, história ou geografia.

Na faculdade indígena, o vestibular será diferente. A seleção começará com a indicação do candidato feita, por carta, pela tribo. Como pré-requisito, ele deve ter o Segundo Grau completo e estar envolvido em programas de alfabetização em comunidades indígenas. Depois de uma entrevista, o candidato fará uma redação na língua de sua tribo. Os aprovados estudarão na Unemat, em Cáceres, nos períodos de férias dos cursos regulares.

— A procura tem sido grande e estamos estudando uma forma de garantir que o maior

número de etnias esteja representada no curso — afirmou Orosina Cândida de Freitas, da equipe de educação indígena no Mato Grosso.

Um dos objetivos é preservar cultura das tribos

A coordenadora de Educação Indígena do MEC, Ivete Campos, considera que a experiência ajudará a preservar a identidade cultural das tribos.

— Já estava na hora de eu escrever a história do meu povo. Não admitimos mais que antropólogos escrevam sobre nossa cultura. Eles só devem orientar nossos trabalhos, pois nada sabem do nosso imaginário — disse Paulo Henrique Squiripi, da etnia ricbactsa (canoeiros), o Paulinho Ricbactsa, liderança das aldeias em Brasnorte (MT), um dos candidatos a entrar na universidade.

A caiabi Maria Devanilde, 23

anos, de uma aldeia perto de Juara, é outra candidata:

— Quero melhorar a qualidade de vida nas nossas aldeias. Falamos o tupi e queremos ensiná-lo para que o português, trazido pelos nossos exploradores, seja a nossa segunda língua.

Pedro Quezove, 30 anos, da etnia pareci, tem uma perspectiva parecida.

— Queremos ir para a universidade conhecer o mundo não-indígena e compará-lo com a nossa cultura. Depois poderemos ensinar nossa verdadeira história às nossas crianças — afirmou Quezove.

Para que cidadãos como Paulinho, Pedro e Maria consigam cursar a universidade, a Secretaria da Educação do Mato Grosso passou os últimos dois anos discutindo fórmulas pedagógicas com a Fundação Nacional do Índio, o MEC e representantes de etnias brasileiras. ■

Saiba mais sobre o curso

- **AS VAGAS:** De um total de 200 vagas, 180 serão oferecidas aos cerca de 400 indígenas de Mato Grosso. O restante vai para índios de outros estados.
- **OS CRITÉRIOS:** Prova de conhecimentos gerais, aprovação de uma banca examinadora e apresentação de uma carta de recomendação.
- **ONDE SERÁ:** A Universidade Indígena está sendo instalada em Cáceres, perto da divisa com a Bolívia.
- **AS ÁREAS:** Os cursos são ciências sociais; língua, arte e literatura; e ciências matemáticas e da natureza.

CORPO A CORPO

PAULO HENRIQUE SQUIRIFI

'Seremos nossos próprios historiadores'

- **SÃO PAULO.** O ricbactsa (canoeiro) Paulo Henrique Squirifi, o Paulinho, disputa, simultaneamente, duas vagas que ele considera cruciais para o exercício da sua cidadania: uma na Universidade Indígena e outra de vereador pelo PTB na Câmara Municipal de Brasnorte, município onde está localizada a sua aldeia.
- **O que o senhor espera da universidade?**
PAULINHO: Quero estudar para resgatar nossa cultura. Sempre deturparam a nossa história. Nos livros, só sai o que esses acadêmicos acham sobre nós. Não sai o que acham os índios. E nós temos muito mais conhecimento que eles.
- **O senhor também está disputando uma vaga de vereador?**
PAULINHO: Sim, e por um partido que não gosta muito de índios. A faculdade é a prioridade, porque, mesmo sendo importante, a política é passageira. Com a universidade, seremos nossos próprios historiadores.
- **O GLOBO:** Qual é a situação educacional de sua aldeia?
PAULINHO: Somos cerca de mil pessoas. Analfabetos são só os anciãos. Mas precisamos de escolas, já que a nossa está precária. Temos 150 estudantes da nossa aldeia e de outras 32 que ficam próximas de Brasnorte.